

MUDANÇAS NA IDENTIDADE CULTURAL DE TAQUARUÇU

A.J.Sousa, Dona Phil.

Informática - ETFTO

AE 310 SUL, Avenida NS 10 esquina com Avenida LO 5 Centro CEP 77.021-090 Palmas - TO

E-mail: almir@etfto.gov.br

M.R.S.Sousa

CEPIEM - ETFTO

AE 310 SUL, Avenida NS 10 esquina com Avenida LO 5 Centro CEP 77.021-090 Palmas - TO

E-mail: mid@etfto.gov.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar algumas mudanças nos valores da identidade cultural de Taquaruçu, distrito de Palmas, Tocantins, causadas pela aculturação provocada pela exploração do turismo ecológico e pela integração da sua comunidade à vida econômica da nova capital. No dia 26/08/2006 o site http://en.wikipedia.org/wiki/Cultural_identity ligava identidade cultural a sentimento de identidade grupal. Captar sentimento e mudanças numa comunidade em transformação não é fácil. Apenas algumas observações pessoais dos autores como membros daquela comunidade, obtidas através de registros, anotados em entrevistas abertas, de histórias de vida de moradores, são relatadas aqui. Há um elo forte da natureza com a cultura local. As águas originárias de nascentes situadas em serras, que circundam o local, distribuem-se, sem preconceito, para as diversas bacias, rumo Norte, Leste e Sul (Tocantins, São Francisco e Parnaíba), formando no seu trajeto um número incontável de cachoeiras, cascatas, regos d'água, riachos, lagoas e lagos e, também alimentando uma flora e fauna exuberantes. Neste ambiente, os moradores aprenderam a ter uma vida comunitária integrada à Natureza, e a tirar dela seu sustento e prazer. As pessoas ainda andam pelas ruas sem preocupação com assaltos e assassinatos, contemplando a Lua, conversando, brincando, fazendo filhos e compondo canções. Contudo, a influência de Palmas está provocando mudanças comportamentais perceptíveis e irreversíveis, pela aculturação. As oportunidades surgidas com o turismo ecológico e a proximidade com a sede, alteram práticas de convivência coletiva. As rezas, festejos, brincadeiras noturnas, serenatas, festas de casamento abertas e danças, já não são comuns. Os utensílios domésticos feitos com folhas de buriti e babaçu transformam-se em objetos cobiçados pelos turistas. O artesanato evolui, agregando valores e diversificando-se no uso de elementos ecológicos (capim, sementes, ossos, pedras, plantas e madeira). Assim, agregam-se valores econômicos perdem-se valores culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Aculturação, valor; identidade cultural; mudança cultural; turismo ecológico.

1. INTRODUÇÃO

No presente artigo, a aculturação é tomada como expressão suscitadora de mudança de identidade de interesse cultural. O turismo ecológico permeia o estudo como base de relevância para a preservação do imaginário cultural de Taquaruçu. O trabalho é resultado parcial do projeto de pesquisa “*Conhecendo a Identidade Cultural de Taquaruçu*”, realizado na Escola Técnica de Palmas sob orientação do Professor Dr. Almir Joaquim de Sousa.

A mudança da identidade cultural de Taquaruçu traduz peculiaridades locais e expressa os traços do momento histórico e da realidade social. Nela, o local é abordado pelo seu ambiente natural, podendo-se falar tanto de aculturação, valor, identidade cultural, mudança cultural e turismo ecológico.

1.1 Onde Está a Mudança da Identidade Cultural de Taquaruçu

Relatar algumas mudanças nos valores da identidade cultural de Taquaruçu, distrito de Palmas, Tocantins, causadas pela aculturação decorrente da exploração do turismo ecológico e pela integração da sua comunidade à vida econômica da nova capital é o objetivo desse trabalho.

Por ser um lugar diferente, onde as pessoas transmitem uma poesia pura através de sua história, dos seus costumes e sua de sua cultura, a finalidade desse artigo é recordar parte de uma história cultural do taquaruçuense e suscitar reflexões sobre as mudanças que timidamente transformam a identidade de uma sua paisagem natural.

2. IDENTIDADE CULTURAL

Em um sentido amplo a cultura representa os costumes, a crença, a arte, o conhecimento, a lei e valores sociais que são adquiridos pelo ser humano como participante de uma sociedade. Conforme Gadotti (1991, p.1) deveríamos falar de identidade “étnico-cultural”, pois, ao falarmos de identidade de uma cultura, temos que localizá-la num tempo e espaço e no interior de um grupo étnico. Por sua vez, essa identidade estaria articulada a uma identidade nacional, determinada também historicamente.

Assim como Tocantins, o estado caçula do Brasil, está no coração brasileiro, Taquaruçu está no coração adolescente de Palmas, uma cidade que vive hoje uma explosão de diferenças culturais. Tudo isto representada na plasticidade de cores avivadas pelos raios de sol que brilham nos diferentes jardins das ruas; nas pedras de seixos transparentes encontradas nas praias de areias brancas das azuis águas do rio Tocantins; e sua eclética arquitetura que transmite sonhos aos palmenses aventureiros e venturosos, os quais introduzem ao encarar suas escolhas naturais, seus padrões, seus conceitos de origem e de vida comunitária, embalados no ritmo da multi-cultura.

O próprio nome do distrito, Taquaruçu, conta uma história herdada de seus antepassados, que diz que esse nome de origem tupi significa taboca grande – Taquara (taboca) + uçu (grande).

Isto é mostrado, por exemplo, no poema “A linda Taquaruçu” produzido por uma adolescente durante uma pesquisa plástica sobre a história do distrito através de relatos orais feitos pelos moradores do distrito:

Bairro? Cidade?
Não sabemos explicar
Só sabemos que em Taquaruçu
Tem muita felicidade
E mistérios a desvendar.

(Luana, 2002, Projeto “É TAQUARUCU...conhecer, fazer, viver juntos e ser”)

Conhecer e valorizar a cultura local, propicia uma elevação da auto-estima grupal e pessoal, e, segundo Kliksberg (2000, p.50), o fortalecimento da auto-estima pode ser um importante indutor da criatividade e valores de tradições próprios. Também, Tolstoi (1910) no epígrafe de seu tumulto afirma: “É pelo olhar da nossa aldeia que vemos o mundo.” Tal afirmação mostra uma preocupação da mudança cultural regional, da realidade da globalização atual onde costumes populares se perdem, nas diferentes sociedades.

Taquaruçu destaca-se pela autenticidade de costumes regionais ao proporcionar aos seus moradores e turistas descanso e sossego, enquanto dispõe de sua identidade particular diante do novo ao mudar sem perceber as suas tradições. Assim, desde da criação do estado, interage com novos valores trazidos de outras regiões, sem exploração e sem ação alguma que possa decidir sobre essas inovações, que são introduzidas no vale.

Hoje, Taquaruçu conta com uma população aproximada de 3 mil habitantes e, está localizada a 32 quilômetros de Palmas, abraçada protetoramente pelas suaves ondulações verdes e azuis da majestosa Serra do Carmo por onde se esparrama fartamente um manancial de águas cristalinas através de dezenas de cachoeiras nela localizadas. Em 28-05-1989, generosamente, transfere de forma maternal, o seu direito de hegemonia municipal, conquistado com bravura, e assim perdendo sua soberania de cidade para a criação da capital do novo estado do Tocantins. Nesse contexto, o poema “Vida Vivida”, escrito a partir do relato de vida de Dona Domingas, conta parte desta história:

Em 1945, chega do Maranhão, dona Domingas
Foram semanas de viagem dura no lombo de animais
Ao relembrar Taquaruçu, dona Domingas conta com um
Quê de saudades doída em seus olhos
Como a vida era sofrida!
Mas era uma vida vivida

Os alimentos colhidos da roça tinha um destino certo
A feira de Porto Nacional
Três dias de viagem para exportar
Três córregos eram atravessados para o destino alcançar
Ribeirão, São João e Cipó
Depois, mais três dias para voltar.

Os mantimentos vendidos, eram para comprar
Roupas calçados, remédios
A vida era sofrida,
Mas era uma vida vivida.

(Marcelo, 2002, Projeto “É TAQUARUCU...conhecer, fazer, viver juntos e ser”)

3. VALOR E ACULTURAÇÃO

Segundo Carlos (1996, p.20) “As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”. É o espaço, portanto, o responsável imediato dos acontecimentos mais simples e mais complexos da vida cotidiana.

A partir dessas considerações, Roca e Harner (2002) afirmam “para que as pessoas atinjam o seu pleno potencial, elas mesmas devem saber quem são e quais as possibilidades de futuro podem encarar”. Assim, “Elas devem ter uma forte identidade com as suas comunidades e os seus lugares”, conforme Roca (2002, p.6)..

E nesse sentido Raskin (2002) conceitua valores como “critérios gerais, padrões ou princípios que as pessoas utilizam para determinar quais comportamentos, eventos e situações são desejáveis ou indesejáveis”. Segundo a definição pioneira de Tylor(1871), sob a etnologia (ciência relativa especificamente do estudo da cultura) a cultura seria “o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.” Finalmente, veja abaixo como esses elementos afloram naturalmente:

“é um lugar bem alegre, cheio de gente de toda cor. A vida aqui é bem tranquila, não duvide, venha sem rancor, e saia cheio de amor. Cachoeiras de Taquaruçu – são elegantes, todos admiram as belezas dessas águas cristalinas que encanta qualquer pessoa. Águas boas não só para banhar, mas também, para tomar. As casas de Taquaruçu – dão gosto de morar, são bem seguras e sem muros. O material dessas casas é feito neste lugar. As mais antigas são mais divertidas. As portas de dentro são bem redondinhas...As gentes de Taquaruçu – também são divertidas, têm realmente o que falar. As pessoas deste lugar são muito talentosas, principalmente, os mais idosos. Os finais de semana de

Taquaruçu – Ah! Não são mais como antes, as ruas estão mais movimentadas e os jovens mais animados. Este é o retrato de nossa bela Taquaruçu”.

(Vanusa, 2002, Projeto “É TAQUARUCU...conhecer, fazer, viver juntos e ser”)

O crescimento da cidade Palmas trava um diálogo íntimo da interdependência através da diversidade de costumes, onde agregam os elementos de inovação e os elementos tradicionais constituindo uma dinâmica cultural despertando a comunidade da prática sociais coletivas para as individuais e competitivo. As atividades rurais e a prática extrativista desenvolvidas em grupos, tais como o mutirão é substituído pelo emprego público individual. A fonte da economia do distrito é renovada e como consequência o surgimento de outros valores sociais. Coletando histórias reais, Khárytta (2002), relata em seu texto o poético momento de “Taquaruçu na década de noventa”:

“Aqui, a fauna e a flora eram riquíssimas. Havia tantas seriemas ...Que não dava nem para contar! Os homens a caçavam para alimentar sua família! As casas de Taquaruçu eram de palha de babaçu, mas bem confortáveis, aqueciam no inverno. O meio de transporte era os burros e jumentos. Na economia do lar, as mulheres auxiliavam tirando o óleo do coco babaçu Para vender em Porto Nacional. As famílias eram numerosas, cerca de 6 ou 7 filhos! Tinha também ouro e cachoeiras, mas havia também os garimpeiros.”

4. TURISMO ECOLÓGICO

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente inventaria os 82 atrativos naturais do vale, localizam-se pinturas ruprestes e são resgatadas antigas trilhas naturais. Organiza-se um planejamento sustentável para esses atrativos naturais e cria-se um Pólo Turístico. Há uma transformação eufórica em diversos setores da população com a chegada dos turistas.

O ambiente natural exerce um papel importante sobre as mudanças nos valores da identidade cultural de Taquaruçu, causadas pela aculturação provocada pela exploração do turismo ecológico e pela integração da sua comunidade à vida econômica da nova capital. Segundo Animar (1998) “A valorização da identidade cultural local e a proteção do meio ambiente deverão constituir instrumentos e veículos para a criação de novas atividades locais geradoras de emprego e com capacidade de simultaneamente reter e atrair população”.

Com a introdução de novos conceitos a partir do turismo ecológico, o cotidiano do distrito aos poucos perde a sua identidade cultural e social aderindo aos poucos a outros conhecimentos, a novas crenças, a arte, a costumes e a outras aptidões e hábitos despertados através da comunicação com os novos moradores e turistas que inundam o cenário do distrito. Portanto, entende-se que o ambiente e a consciência social influenciam as mudanças culturais. Os versos retratam as diferentes opiniões da interferência no modo de vida do lugar :

Vale?
O que é o vale?
O vale são as lindas cachoeiras,
Os rios, as corredeiras.
Taquaruçu, o que foi e não é mais paz
Para o jovem foi bom
Ele gosta de festa, som
Então ele comemorou,
Mas o velho chorou.
Os velhos falam: o barulho chegou,
Meu pássaro assustou-se e voou
Mas o pássaro de que falam, é a paz e o sossego.
Mas para o jovem isso é bom
Pode até gerar emprego.
Então, vale a pena?

(Weslander, 2002. Projeto “É TAQUARUCU...conhecer, fazer, viver juntos e ser”)

Mesmo assim, se observa que a aculturação imposta pelo turismo ecológico e pela integração da sua comunidade à vida econômica da nova capital, ainda não transformou totalmente a identidade cultural deste lugar pela resistência às mudanças, o que representa uma vantagem para manter a tradição local. Além disso, os grupos na sua maioria, que vêm na maioria de Palmas, passam, às vezes, sem deixar benefícios econômicos para a região. Na poesia abaixo, pode-se verificar

esta afirmação:

“Os turistas vêm de todas as bandas Palmas, Porto Nacional, Brasília, Minas Gerais, Inglaterra, Estados Unidos... Taquaruçu está ficando muito agitada nos finais de semana. Um espelho disso está nas placas dos veículos que se encontram no estacionamento da nossa feirinha de artesanato. Mas algo muito importante para que a festa não acabe. Conscientizar os turistas e moradores a respeito da preservação do meio ambiente. Pois a natureza pode cobrar um preço muito alto pelas agressões sofridas.” (Francilene, 2002)

5. HISTÓRIAS E RELATOS

Captar sentimento e mudanças numa comunidade em transformação não é fácil. Apenas algumas observações pessoais dos autores como membros daquela comunidade, obtidas através de registros, anotados em entrevistas abertas, de histórias de vida de moradores, onde em seus relatos, transmitem as suas opiniões e vivências. Os relatos foram importantes para o resgate cultural, através das pessoas, suas características e das lutas desse povo que veio do Maranhão e Piauí para formar este lugar. Alguns desses relatos são transcritos abaixo:

–“Eu já esqueci muita coisa também... eu me sinto bem, palestrando, recordando as coisas do bom tempo daqui...” (Anísio Moura, 86 anos, morador).

–“Falar de Taquaruçu... era um boqueirão, cheio de cobras. Pedro Dourado vendeu as terras(?) para o Hudson, o pai, por 2/4 de arroz (menos de 20 litros) Do córrego Sumidouro, foi tirado muito rego para garimpar. Ao meu ver, foi muito bom esse encontro, lembrar o passado que não tem muita importância, mas ajuda a adquirir, a recuperar a memória e renovar as lembranças do que passou.. também a viver dessas lembranças e contar a história do lugar que moramos. Foi muito bom mesmo!” (Hudson Terencio Filho, ex-vereador na primeira de Câmara de Palmas, 57 anos, morador).

–“Achei tão bom que vou olhar a velha bateia, para recordar mais”. (Gonçalo, antigo garimpeiro, 88 anos, morador)”.

–“Com esses encontros, com os meus colegas aqui...fico emocionada! Gostei muito! Conhecer aqui agora, ouvindo as nossas histórias que eu vivi... lembrar e mais alembado. As coisas mais velhas lembro de tudo! Todas as músicas, todas as poesias que eu declamava... Lembro de todas elas. Olhe, todos os dias estou anotando e vem tudinho na minha cabeça. Achei bom por isso. Querem ouvir uma poesia, a poesia do vaqueiro?” (Dona Mundica, falecida em 2005, com 96 anos, moradora da primeira casa coberta de telha feita artesanalmente do barro do fundo de sua casa, que hoje foi adquirida pela prefeitura para ser transformada no primeiro museu do distrito).

5.1. LUTA DANADA COM UMA ONÇA

Continuando com os relatos de vida de moradores antigos de Taquaruçu, vemos como a Natureza era parte integrante dessas vidas.

“Topei com uma onça e passemos o dia pelejando pra matar essa onça e só viemos a matar ela de tardezinha. Isso aconteceu quando fui trabalhar numa roça grande e fui com um cachorro. O cachorro sumiu na roça e eu fiquei capinando. Com pouquinho o cachorro veio latindo e ficou bem juntinho de mim latindo. E o cachorro só latia quando tava acuado. E eu fui reparar lá na frente e vi o rastro das quatro patas da onça inda fresco. Achei o rastro pequeno e se ela se atreveu a passar por trás de mim, então, só podia ser pequena e devia ser uma onça vermeia. E eu só tinha uma faquinha e o cachorro reconheceu que o bicho era valente, pois não chegava perto dele de jeito nenhum, ficava latindo de longe. E o sol já tava alto e quente. Cum pouco que a onça se rolou com o cachorro e eu gritando: ô bicho, ô bicho pra ver se ela largava o cachorro. Daí, eu joguei uma pedra e ela largou o cachorro e se virou pra mim. Quando ela tava vindo pra cima de mim, o cachorro que era muito meu amigo, deu uma mordida na pata traseira dela e ela se virou novamente contra ele. Eu subi pra riba dum pau de árvore e avistei meu vizinho capinando uma roça e eu comecei a gritar e ele perguntou: o que foi? Eu cá respondi: é uma onça! E chamava ele, mas ele tinha mais medo de onça que eu. Quando eu assustei eu vi a onça de novo vindo em minha direção. E lá se vem, lá se vem... devagarinho, bem devagarinho.... e ela era dessa grossura! E eu gritava: ô bicho num vem, num vem... e ela só oiava pro rumo do cachorro e eu batia com um pauzinho e gritava. Aí ela resolveu subir pra riba duma pedrona. Inda hoje tá lá uma pedrona bonita! Ela chegou lá, deitou cansada com a língua pra fora e, a partir desse momento, não olhou mais nem pra mim nem pro cachorro, ficava como a desdenhar de nós olhando proutro lado a cara assim cansada. Eu chamei o Zé-grande, ele correu atrás de mais gente pra ajudar a matar a onça. Enquanto isso, a onça desceu da pedra e embrenhou pra dentro da mata pro rumo da barriguda#, eu desci da árvore. Quando ela estava na boca da mata, esperou os cachorros. Ela juntou os cachorros, era uma base de uns oito cachorro e esses cachorro voltou correndo ganindo e só ficou dois, os outros foram simhora tudim. Quando os homens chegaram descemo no rasto da onça, atravessamo o rio e avistamo o rasto dela inda moiado e falei: ela tá aí dentro, os outros disseram: tá nada. Nisso o cachorro do Zé-grande chegou, chero, voltou pra trás e

rosno. E eu: eu não to dizendo? Ai ela urro. Ela tava escondida num platô que é uma pequena vereda na mata. Ela tava lá deitada e não dava para ver direito. Daí começemo atira e os cachorro dando de cima. Toda vez que a gente atirava, ela vinha pra cima dos cachorros e voltava tão rápido, era como um relâmpago assim: zumpt!! Como aquele bicho podia ser assim tão rápido. Nisso, na cidade, correu a notícia de que eu tava muito estragado pela onça e chegou lá um horror de muiê cum remédio e pano pras fírida que a onça tinha feito. E quando viram, eu tava era atirando na onça. As muiê ficaram tudo assustada com os urrados da onça. O urro dela era tão forte que, se fosse perto de uma casa, os copos tremiam na pratadeira. O bando de homem que tava para matar a onça tava tudo subido num pau de árvore. Só tava eu e o Zé-grande no chão, ele atirava, mas os tiro não saía. É que ele carregou a espingarda com tanta afrição que só botou bucha e se esqueceu de colocar pólvora. Soltou não sei quantas espoleta e os tiro não disparou. Quando nós fumo descarregar não tinha pólvora. Na afrição, ele esqueceu de colocar. Isso serviu de gozação pra cima dele muito tempo. Ai eu acertei um tiro bem no chifrim da onça. (explica e mostra) bem no meio da nuca da onça tem um chifrim. Ai ela começou a pular, urrar, dar em cima dos cachorros, ela era enorme, gorda, gorda, gorda! Derrubava um cachorro aqui, derrubava outro acolá e foi aquela arruaça. Ela só lutando, ela tava disposta! Então, o cara que tava em cima de uma das arvore atiro quando ela passou bem debaixo da árvore dele e o tiro pegou bem no meio das costa e ela caiu morta numa ribanceira e num lugar que não dava pra chegar fácil não. Tivemo que dar uma volta e quando eu cheguei lá, tava a bichona boiando no rio, ai eu cutuquei com um pedaço de pau pra ver se ela tava morta mesmo e não tava fingindo e vi que tava mesmo. Passemos o dia todim lutando com essa bichona, mas matemo. Quando chegamos em casa, o sol já tava se pondo. E o que fizeram com a onça morta? O povo cumeu, uns cumeu um pedaço, outro cumeu outro e eu não comi não, eu fiquei com a pele, depois vendi por duzentos conto, um bom dinheiro. Aquele couro bonito dava gosto, duía as vista da gente no sol.”

(Esta é uma das histórias contada pelo senhor Anísio Moura, um dos primeiros moradores de Taquaruçu e que é um poço de histórias verídicas e lendárias da região).

5.2 A HISTÓRIA DO DENGOSO

Esta história envolve um caminhão chamado “Dengoso” e é contada por Seu Aldino, morador do Distrito, desde 1970:

“- A senhora fala ai.... vai falar aqui o sr. Aldino, ele vai falar, contar uma história. Ele vai falar. O sr. Aldino vai contar uma história de Taquaruçu.

Eu Aldino , quando cheguei aqui, eu encostei com o Sr. Anísio Moura e o Sr. Zé Grande, França.... eles me ajudaram muito....a senhora não sabe Dona Marilda, o Aldino era um vagabundo, bebia pinga e a minha muiê me reclamava, além de beber, ser vagabundo,,agente enrola tudo, enrola a minha vida... depois consertei a vida ..

Subir a serra do Taquaruçu.... uma dificuldade, a estrada era ruim, só compridinha, cheia de morros, foi feita com a enxada, enxadeco e machado... subia duas vezes por semana...a senhora quer saber a história do primeiro caminhão que subiu a serra?

O primeiro caminhão que subiu ai, era o “DENGOSO DO MARACAIPE”.....Joaquim Maracaipe, tem a história dele, morava na praça, tinha um caminhão que chamava Dengoso. Sabe o que é Dengoso? Porque tinha dia que ele ia viajar, se ele se zangasse não saia do lugar. O caminhão dele era azul, tinha uma lona, tinha uma casinha de palha nele....carregava esse povo... ajudou esse povo demais Joaquim Maracaipe e Dona Helena. E ele subia! Faz muitos tempos. Oíá , a Dona Querobina, que ajudou a enfrentar ai, um mulherão, pessoa grossa, tinha um terreno aqui embaixo e ela vinha lá de Taquaralto. Ai ela acabou enfrentando negócio de política e largou tudo. E ai ela fazia mutirão. E fez o mutirão da estrada, desse dia. Era um puxando a corda do Dengoso, uns puxando na corda, outros puxando assim de banda, nada atrás, era só de banda...essa ladeira.. pois é.. não tem uma aguinha que cai assim ? Primeiro assubiu, empurrado de mãoa turma empurrou e fizeram um lanchinho lá em cima.

A Dona Querobina, ai de tardizinha desceu. Desceu todo mundo. Demorou ... isso ai, era feito os pedacinhos... saiu cedo e foi ficar lá no alto, até chegar na sentada.... Tinha um oincho d’água . Arreuniu todo mundo . E a Dona Querobina enfrentando... animada...gordona...ela, eu não sei de onde era... gorda mais animada. Ela disse que queria ver isto aqui ficar bonito... foi a Dona Querobina.

Ai neste dia foi coisa boa lá em cima. Descer, só o motorista no Dengoso. Era feio mesmo ali.Ai... Opa! Subiu um carro na Serra do Taquaruçu! Agora por adiante. Isso foi em 1970. Tava tudo sequinho. O povo nem acreditava que lá subiu um carro!”

5.3 A INFLUÊNCIA DA CRIAÇÃO DO NOVO ESTADO NA VIDA DE TAQUARUÇU

A criação do Estado do Tocantins no final da década de 80 e a conseqüente transformação da cidade de Taquaruçu em Palmas, capital do novo estado, que em seguida, rebaixada a um mero distrito, fê-la esquecer sua identidade cultural através de um crescimento desordenado, exploração comercial de seus recursos naturais não atrelado à sua história, fixação de imigrantes desinteressados em intercâmbio cultural com os nativos, falta de repasse das estórias, seja oralmente, por escrito

ou através de manifestações artísticas, morte de moradores antigos e desinteresse governamental. Para Berman (1987, p. 15), a modernidade traz no seu bojo uma permanente desintegração e mudança, luta e contradição, ambigüidade e angústia.

Leia o que Dona Mundica, já falecida compôs em 2002:

“Tu eras simplesmente uma mata.
A vida?
Não era fácil de ser vivida.
Vim do Maranhão,
Vim de avião.
Pois estradas?
Essas não havia não.
Desci em Miracema.
Cheguei de animal.
Meu pai já morava neste arraial.
Para comprar sal, ia à Tocantínia.
Em Taquaralto, só tinha uma casa.
Agora que diferença!
Obrigada, meu Deus por ter sempre abençoado Taquaruçu.
Antes, por suas riquezas naturais.
Hoje, pela sua beleza e turismo.”

6. O ELO FORTE COM A NATUREZA

Há um elo forte da natureza com a cultura local. As águas originárias de nascentes situadas em serras, que circundam o local, distribuem-se, sem preconceito, para as diversas bacias, rumo Norte, Leste e Sul (Tocantins, São Francisco e Parnaíba), formando no seu trajeto um número incontável de cachoeiras, cascatas, regos d'água, riachos, lagoas e lagos e, também alimentando uma flora e fauna exuberantes. Segundo Edileide, filha da terra, em seu hino-musica "Taquaruçu, suas belezas naturais", descreve e canta através de versos poéticos o elo forte da natureza com a cultura local de quem conhece e olha este lugar com os olhos e com o coração:

“É um paraíso de verdes matas,
Águas, serras e cocais.
Teu espetáculo é cheio de alegria
Aqui a natureza acena,
Para o criador a sua própria poesia
Barulho das águas, som que alegra os corações
E as serras douradas inspiram tantas canções!
Vida e natureza são as belezas desse nosso chão,
O teu cenário e a natureza
Quanta beleza nesta criação
É um quadro majestoso e feito de flores,
Com retoque de muitas cores
Berço da capital
Taquaruçu, a tua terra faz brotar a semente
És o orgulho de tanta gente,
A tua história é real.”

(Edileide, 2003)

6.1. A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA DOS MORADORES

No meio desse vale inédito de córregos de correnteza-massagem, pedras que brincam, cachoeiras que cantam acompanhando a sinfonia harmoniosa da grande diversidade de recursos naturais que atrai cada morador a se refugiar nesse lugar, simplesmente viver e ser desafiado a desenvolver uma consciência ecológica na proteção do meio ambiente. Esta beleza atrai o turista, como escreve Deylane (2002):

“Vem gente de todas “bandas”
Nacioná e internacioná
Querem Taquaruçu explorá
Mas vamos minha, gente
Vamos pra eles conta
A história de nossa gente
Do tio Anísio Moura
Nas duas pedras,
O primeiro a passá
De nossa terra
Dos nossos passarinhos
Que estão sempre a cantá
E das cachoeiras sempre a jorrá
Portanto, devemos preservá
A Taquaruçu Nacioná.

(Deylane, Projeto “E TAQUARUCU...conhecer, fazer, viver juntos e ser, 2002)

6.2. O ARTESANATO ECOLÓGICO

Taquaruçu possui uma natureza exótica e rica de Buriti, Bacaba, Jatobá, Piquizeiro, Peroba, Sucupira e tantas outras envolvidas em uma ciranda verde de trilhas que se perdem em caminhos que desperta a imaginação. Sobre o lugar, o ecoturismo conceitualmente deve estimular o respeito e a valorização das culturas locais. Uma cultura autêntica, tradicional é um componente fundamental do ecoturismo. Essas árvores fazem parte do cotidiano local pois são usadas pelos moradores para a produção de alimento e artesanato, sustentando famílias inteiras. Os utensílios domésticos feitos com folhas de buriti e babaçu transformam-se em objetos cobiçados pelos turistas. O artesanato evolui, agregando valores e diversificando-se no uso de elementos ecológicos (capim, sementes, ossos, pedras, plantas e madeira). Assim, agregam-se valores econômicos perdem-se valores culturais. Veja o que diz Francisca, artesã local, em sua poesia “Cidade do Interior”:

“Casas de palhas
Entre cachoeiras
Mulheres entre coqueiros

Seus coquinhos a quebrar
E por mercadorias a trocar

Amor e cantorias
Através das pedreiras

Assim se formou o berço de
Palmas

Taquaruçu vem em seu regaço
Acolher a jovem adolescente
Que está a desabrochar.”

A paisagem do cerrado manifesta-se nos costumes populares da comunidade taquaruçuense que desenvolvem agricultura de subsistência, caracterizando uma relação intrínseca com a natureza e, conseqüentemente, com o ecossistema do cerrado, manifestado no artesanato, na alimentação, na arquitetura, enfim no cotidiano regional. Através de levantamento (entrevista e história oral) realizado na comunidade, buscando elencar a diversidade de uso e do conhecimento popular do cerrado que foi alterado. Com a ocupação intensiva de novos moradores vindos de Palmas, o distrito descobre outras possibilidades econômicas como fonte de renda, a partir da sua paisagem natural: o turismo ecológico e o artesanato. Esses fatores vem provocando alterações na relação com a natureza e conseqüentemente, no modo de vida local. O trabalho e a intimidade do fazer artesanal da comunidade tradicional era de utensílios de buriti e babaçu tais como: jacá, tapeti, peneiras, chapéus, balaies, etc. O buriti e o babaçu não são fáceis hoje de se acharem, devido o desmatamento, frequente, nesses dias de transformação.

Marca no história do cenário e da construção da região, vindas com os primeiros habitantes do Distrito, as quebradeiras de coco de babaçu, desapareceram. Dona Nega, ex-quebradeira de coco diz o seguinte:

“quando as terras deste vale eram tão cheias de babaçu, que não se via as serras, o vento tocava nas folhas com uma cantiga que nunca esqueço...e em roda, as quebradeiras de coco cantavam e quebravam babaçu para vender o óleo em Porto Nacional para o sustento da família, enquanto os homens dormiam em redes”.

Atualmente, as poucas quebradeiras de coco que restaram através de suas associações, lutam pela manutenção e proteção dos babaçuais e pela comercialização do óleo de babaçu.

7. CONCLUSÃO

Ao buscar estabelecer diálogo subjetivo com a paisagem e com o lugar através do conhecer esse lugar, da interpretação do jeito de viver dentro de um contexto ambiental, do apreciar a sua estética, do ler e retratar o olhar pelas conversas sem tempo embevecido na poética da fala simples, da vivência, do aprendizado e do respeito à cultura local, o ecoturismo pode contribuir para a valorização e a conservação da paisagem, fazendo com que os atores locais estimem sua cultura e sintam-se sujeitos do seu lugar, determinem seu próprio desenvolvimento, admirem e cuidem da sua paisagem, criando possibilidades ilimitadas para a reconstrução de uma nova ética ambiental e respeito à diversidade cultural.

Visto a longo prazo, o turismo deve envolver medidas que promovam a melhoria da qualidade de vida e preservar a tradição da comunidade hospedeira como também assegurar as boas condições ambientais da região, de modo a garantir sua sustentabilidade e a sua identidade cultural. Ainda não existem iniciativas de turismo de maior envergadura e estão praticamente limitadas à algumas pequenas pousadas de pequeno porte. Na prática, ainda a estrutura turística é incipiente e não gera benefícios econômicos, sociais, culturais ou ambientais e os investimentos começam a surgir timidamente.

Hoje, esse artesanato tradicional taquaruçense para ser preservado é necessário buscar da população tradicional cursos e materiais para aprimorar e divulgar os seus conhecimentos aos mais novos. Nesse sentido, o conhecimento popular é indispensável para a preservação da cultura, e da biodiversidade do cerrado.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gadotti, Moacir. *Identidade Cultural e Itinerário*. I Journee Rencontre Avec Paulo Freire. Paris, dez.1991. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/gadotti.htm>> Acesso em :10.2006.

Raskin, Sara Fichman. *Cultura e Ética Organizacional*. Administração da PUC. São Paulo, out.2002. Disponível em: <<http://www.pr.gov.br/batebyte/edicoes/2003/bb133/cultura.shtml>>

Roca, Zoran; Oliveira, José A. *A Paisagem como Elemento da Identidade e Recurso para o Desenvolvimento*. Projeto IDENTERRA, Lisboa:2002. Disponível em: <<http://www.ulusofona.pt>>.

Sousa, Marilda R. S. *É TAQUARUÇU...conhecer, fazer, viver juntos e ser*. Palmas:SEMED, Palmas, 2002.

Tylor, **Edward Burnett**. Primitive Culture, 2 vols. 7th ed. New York: Brentano's, 1871.